



# A RESPOSTA DO CORAÇÃO<sup>2</sup>



Ruy<sup>do</sup>  
Carmo  
Póvoas\*

Kirina estava bem do seu, arrumando os acaçás no tabuleiro, quando um Barulho de passos apressados lhe chamou a atenção. E seu cabelo ficou arrepiado com que estava vendo: um batalhão caminhava em sua direção. Essas coisas de soldado, exército, farda sempre mexiam com sua natureza. O pensamento deu mil voltas e ela ficou assim, meio atoleimada, sem atinar na razão da presença de tantos soldados.

\*Pesquisador e Coordenador do Kàwé, UESC.

<sup>1</sup>História do sistema oracular do povo nagô.

<sup>2</sup>Este texto faz parte de uma coletânea organizada por Ruy Póvoas.

Diante do tabuleiro, por ordem do comandante, os soldados pararam. Eta pedaço de homem, Kirina viu. Alto, de bom corpo, olhos de gato, voz de touro. Kirina sentiu outro arrepio mais forte ainda e parecia que o chão tremia debaixo de seus pés.

— Bom dia, Dona!

— Bom dia Ioiô! Em que posso lhe servir?

— Meu batalhão está morrendo de fome. Estamos em diligência de guerra e há dois dias a gente não come nada. A Dona pode dar alguma coisa a gente para comer?

Kirina sentiu um baque no coração. A semana não tinha sido lá essas coisas, a vendagem foi pouca. Ela estava justamente contando com alguns trocados que entrassem hoje. E agora estava ali aquele comandante a lhe pedir seus quitutes de graça.... E lá se foi o pensamento de Kirina fazendo voltas. Viu os filhos que ficaram em casa, esperando as providências, a mãe parálitica que dependia dela. Mas seu coração bradou lá dentro, repleto de sentimento, mandando compartilhar. Quando conseguiu abrir a boca, Kirina não fez por menos:

—Olhe, Ioiô... Aranha vive do que tece, mas é Deus e Ogum que deixam a aranha tecer. Mesmo, hoje por ti, amanhã por mim... O

que Deus dá é pra todo mundo e Ogum não vai me faltar no dia de amanhã. Pode mandar os outros moços se servir...

O comandante deu a ordem e ficou parado, ao lado de Kirina, enquanto os soldados comiam. Num instante, o tabuleiro ficou vazio. Kirina ainda ofereceu água, que ela sempre trazia num barril. Quando tudo acabou, os soldados se afastaram e o comandante, todo faceiro e sorridente, disse:

— Bom... dinheiro, eu não trago. Mas tenho aqui umas coisas ajuntadas na guerra. Chamou um dos soldados e deu uma ordem. O ordenança, então, trouxe um enorme saco de couro e entregou ao comandante. O oficial entregou o saco a Kirina e disse:

— Abra. É seu...

Meio desconfiada, Kirina obedeceu. E quando abriu o saco, quase dá um ataque. O surrão estava apinhado de coisas de valor, moedas, coroas, ferramentas, um te-

souro, enfim. E ela ficou um tempo enorme, entretida, examinando as coisas que estavam dentro do surrão e, quando levantou as vistas, o batalhão não estava mais ali. Aí, Kirina caiu em si: aquilo era coisa de Ogum, só podia ter sido ele... De longe, Ogum apreciava Kirina sorrindo e, virando-se para seus soldados, afirmou: **Não se vence batalha apenas com espada na mão. Também se vence com as armas do coração.**



# CARTA À INACYRA<sup>1</sup>



Professora Inacyra:

Saúde e Paz.

Tenho ouvido, vezes e mais vezes o CD *Okan Awa*<sup>2</sup>. Mais do que ouvido, tenho viajado pelo *òrun*, sem sair do *àiyé, awo* que se alcança também pelo caminho da arte, embora a maioria creia que isso somente seja possível pelas vias da religião. Se a nós, descendentes de africanos que somos, nos foi dado conhecer o êxtase da incorporação, quer em nós, quer no outro, também nos foi dado vivenciar luzes propiciadas pela Arte.

Ruy<sup>do</sup>  
Carmo  
Póvoas

<sup>1</sup>Pesquisador e Coordenador do Kâwé, UESC.

<sup>2</sup>Carta do Prof. Ruy Póvoas à cantora lírica, Profa. Inacyra Falcão, comentando o CD *Okan Awa*. O Kâwé faz suas as palavras do seu coordenador.

<sup>3</sup>CD produzido por Nestor Madrid, editado em comemoração aos 100 anos de Mãe Senhora, com o apoio da Bahiatursa. Inacyra interpreta 14 das 15 faixas que compõem o disco, com uma voz primorosa.



E de repente, eis você fazendo-se estrada luminosa através da qual é possível o encontro com o divino, através da estrada da sua voz. Maravilha das maravilhas.

Gente de santo que sou, também com uma perna na África e uma outra na Ibéria, não poderia me furtar de dizer o que sinto sobre o seu *Okan Awa*. Não resta dúvida: é o terreno do encontro da sociedade de terreiro com a sociedade oficial. E você caminha majestosamente no limite desses dois mundos, fazendo-se testemunha de que é possível o trânsito entre universos que, aparentemente, se opõem. Faltava a voz intérprete. E você faz isso, agora, cantando nossas emoções e sentimentos.

Tudo feito num legítimo respeito às individualidades, aos valores: não há sincretismos, não há folclorização. Ao contrário: antes de tudo, o reconhecimento das diferenças. O resultado disso é um álbum que clama: eis aqui o que é europeu; eis aqui o que é africano e, finalmente, eis o que é brasileiro, resultado do fazer e do viver simultâneo das duas heranças.

Também, você foi logo se misturar com gente da melhor espécie: Beto Pellegrino (arranjador e estudioso das músicas da tradição africano-brasileira); Reginaldo Flores (membro da comunidade e professor universitário); Nestor Madrid (colaborador na produção Geral); Marco Aurélio Luz (apresentador

do encarte). Por fim, a fotografia primorosa, as cores num vermelho *cheguei*, que diz da paixão com que tudo foi feito. Na verdade, uma equipe. Isso reafirma os dizeres dos nossos mais-velhos: ninguém caminha sozinho e chega mais longe quem estiver bem acompanhado. Mas essas companhias não seriam bastante, se você não trouxesse consigo marcas tão particulares, tão suas: sua voz de ouro, sua africanidade, seu axé, sua ancestralidade.

Suas 15 músicas são uma dádiva e um prêmio. Oferenda lírica da sua voz e prêmio de quem sabe viver reconhecendo em si os valores de sua própria origem. Não se deve esquecer, no entanto, que por trás disso tudo está a figura da avó, conforme você mesmo declara: “Vovó tem sido a inspiração para minha sensibilidade.” Eis aqui o resultado: sua avó, em você, com você e através de você, reafirmando a Inaicyra, cujas raízes fincadas num chão mítico e místico florescem um hoje, nunca dantes sonhado, nem mesmo nas senzalas, quando o sonho era anestesia para sofrimento dos nossos mais-velhos que por lá passaram.

Entre outras festividades que, por certo, marcaram o centenário de nascimento de Mãe Senhora, *Okan Awa* demonstra que, agora, é a neta quem revela a avó. O ineditismo de seu trabalho junta o soprano de sua voz lírica, necessária ao *primo canto*, com a poesia dos terreiros, tão carinhosamen-



te resguardada nos cânticos religiosos. O seu talento artístico impede a cópia. E tudo se transforma em interpretação. As curvas melódicas de sua voz denunciam conhecimento da língua nagô, atingindo o tom exato, a melodia em conexão com a palavra.

E tudo isso chega ao auge numa combinação gestada no *òrun*: instrumento, voz, língua, arranjos. Solfejos de soprano, harmonia dos arranjos, melodia dos instrumentos africanos, suavidade das frases poéticas. Tudo se combina para um certo clímax inusitado que se faz presente em todas as faixas. Vale, no entanto, destacar algumas especialíssimas. Na quinta faixa, *Ajale*, quando você interpreta a reverência que o povo nagô tem por Ajalá, o Oleiro do Orun, os atabaques se silenciam. O novo arranjo, atrás de sua voz, leva-nos de volta às noites de senioridade africana, num misto de contemplação e reconhecimento, diante da majestuosidade do Mais-Velho entre os Mais Velhos. Na sexta faixa, *Axó dudu*, a força telúrica é trazida de volta. Na oitava, *Leque de Oxun*, a sensualidade respeitosa, digna, marca presença ao sabor do ritmo ijexá. A gente cantarola também (uma vez que não se pode imitar você), sacoleja o corpo em busca do encaixamento no ritmo, fecha os olhos e viaja também. É na faixa nove, no entanto, que você atinge o auge. Traz o balanço do mar até nós e nos nina com um acalanto perfeito. Ali, Inaicyra, você também é a *Mãe dos Filhos Peixes*, ela mesma, a Grande-Mãe, a nos acalantar, suavizando nossas dores da existên-

tência. Por fim, filha do Fogo que você é, não poderia viver sem ele. Na faixa onze, *Ayabafefe*, a alegria esfuizante, a mobilidade de Oyá, o arrebatamento da Mãe dos Astros vencem as distâncias dos nove *òrun* e se concretizam através de sua voz. O ritmo ijexá assume contornos de majestuosidade e a cadência fica em função da tempestade que, paradoxalmente, é amorizante.

Por tudo isso, Inaicyra, temos de continuar crendo, vivendo e fazendo. Eu, aqui, da porteira para dentro, de vez em quando, espio para fora. Você, da porteira para fora, mas sempre se alimentando com o que acontece da porteira para dentro. E mundo a fora, lá vai você, com suas raízes, suas origens e seus estudos fazendo você cantar para encanto de nosso espírito. E ainda bem que você sabe das nossas coisas.

Ah, CD bonito! Axé!

Ajalá Olufan Deré



FOTO: GERALDO BORGES



FOTO: ARLETE SOARES/ROBERTO DE SOUZA - CAPA DO CD